



Maria Izabel Machado  
(Organizadora)

# Diálogo Conceitual e Metodológico das Ciências Sociais Aplicadas com outras Áreas do Conhecimento 2



Maria Izabel Machado  
(Organizadora)

# Diálogo Conceitual e Metodológico das Ciências Sociais Aplicadas com outras Áreas do Conhecimento 2

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editores:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
D536	<p>Diálogo conceitual e metodológico das ciências sociais aplicadas com outras áreas do conhecimento 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-86002-96-6 DOI 10.22533/at.ed.966201504</p> <p>1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Ciências sociais – Pesquisa – Brasil. I. Machado, Maria Izabel. CDD 302.072</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A obra Diálogo Conceitual e Metodológico das Ciências Sociais Aplicadas com outras Áreas do Conhecimento nos convida a refletir sobre um conjunto de fenômenos contemporâneos em diálogo com múltiplos saberes e perspectivas, razão pela qual os capítulos que seguem estão organizados por afinidade temática e/ou metodológica.

Do uso de softwares para inclusão, passando pelo design de cidades e ambientes, o que se destaca nos dois volumes aqui apresentados são as imbricações entre áreas de conhecimento com vistas a tornar a vida viável.

Diversos em suas metodologias e métricas áreas como economia, administração, arquitetura, geografia, biblioteconomia, entre outras, confluem na preocupação com necessidade de compreender o mundo, superar seus desafios e propor caminhos que apontem para a o uso sustentável do solo, o direito à cidade, o acesso ao conhecimento.

Boa leitura.

Maria Izabel Machado

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A PROTEÇÃO SOCIAL BÁSICA: A GESTÃO EM REDE NA PARTICULARIDADE DE JOÃO PESSOA	
Maria De Fátima Leite Gomes Luciana Alves Yaggo Leite Agra Laryssa Lorranny Melo De Andrade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9662015041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
COMPARAÇÃO DE PREÇOS DA CESTA BÁSICA DE MAIO A SETEMBRO DOS ANOS DE 2017 E 2018 EM ERECHIM	
Indaiá Tainara Tamagno Carlos Frederico de Oliveira Cunha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9662015042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>22</b>
AVALIAÇÃO DE IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS DAS INTERVENÇÕES DE MOBILIDADE URBANA AO LONGO DO CÓRREGO ÁGUAS ESPRAIADAS – SP	
Vladimir Fernandes Maciel Mônica Yukie Kuwahara Ana Claudia Polato e Fava	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9662015043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
CONSEQUÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS DO INTERVENCIONISMO	
Bruno Pacheco Heringer Elton Duarte Batalha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9662015044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>55</b>
CAPACIDADE ABSORTIVA COMO FONTE DE VANTAGEM COMPETITIVA: ESTUDO EXPLORATÓRIO COM LAVANDERIAS DOMÉSTICAS EM SÃO PAULO	
Luiz Silva dos Santos Danilo Augusto de Souza Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9662015045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>67</b>
AS CONTRIBUIÇÕES DA CONSTRUÇÃO CIVIL PARA UM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: TÉCNICAS, MATERIAIS E PROPOSTAS DE HABITAÇÃO SOCIAL SUSTENTÁVEL NO BRASIL	
Ana Helena A Dreissig	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9662015046</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>82</b>
A INICIATIVA CIDADES EMERGENTES E SUSTENTÁVEIS E OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL: UMA ANÁLISE SOBRE AS RELAÇÕES CONCEITUAL, METODOLÓGICA E INSTITUCIONAL	
Allison Haley dos Santos David Barbalho Pereira Laura Maria Silveira da Fonseca	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9662015047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>105</b>
ECOSSISTEMA EMPREENDEDOR: UM ESTUDO INVESTIGATIVO DAS STARTUPS EM RONDONÓPOLIS – MT	
Ramon Luiz Arenhardt Carlos Marcelo Faustino da Silva Sofia Ines Niveiros Josemar Ribeiro de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9662015048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>126</b>
GRUPOS SOCIAIS E SABERES AMBIENTAIS COEXISTENTES EM SINOP, MATO GROSSO: UM ESTUDO EM CONSTRUÇÃO	
Caroline Mari de Oliveira Galina	
<b>DOI 10.22533/at.ed.9662015049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>133</b>
UM OBSERVATÓRIO LATINO-AMERICANO DA INDÚSTRIA 4.0	
Sérgio Roberto Knorr Velho Sanderson César Macêdo Barbalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96620150410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>147</b>
EIXO TEMÁTICO 2: TECNOLOGIAS TRADICIONAIS SABERES CONSTRUTIVOS DA AMAZÔNIA: MUDANÇAS DE PARADIGMA NO ESPAÇO URBANO DE MACAPÁ	
Ana Carolina Macêdo Cardoso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96620150411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>157</b>
PLANEJAMENTO AMBIENTAL REGIONAL: UTILIZAÇÃO DA MATRIZ FOFA COMO FERRAMENTA DE APOIO A DECISÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Vania Elisabete Schneider Taison Anderson Bortolin Sofia Helena Zanella Carra Denise Peresin Geise Macedo dos Santos Bianca Breda Gisele Cemin	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96620150412</b>	

<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>168</b>
PERCURSOS RIZOMÁTICOS: O PATRIMÔNIO DAS FAVELAS CARIOCAS	
Teresa Hersen	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96620150413</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>181</b>
HABITAÇÃO SOCIAL E VAZIOS URBANOS: A REABILITAÇÃO DE ESPAÇOS URBANOS ABANDONADOS COMO MEIO DE CONTRIBUIÇÃO NO DIREITO À CIDADE	
Marina Ribeiro de Freitas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96620150414</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>194</b>
NOVAS FORMAS DE MORADIAS E A RESSIGNIFICAÇÃO DO HABITAR	
Luiza Moraes Cosso	
Flávia Jacqueline Miranda Fonseca	
Maria Lúcia Machado de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96620150415</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>209</b>
NÍVEL DE MATURIDADE DA INTELIGÊNCIA COMPETITIVA: UM ESTUDO NAS EMPRESAS AGROPECUÁRIAS DE RONDONÓPOLIS QUE POSSUEM CONTROLADORIA	
Percival Queiroz	
Josemar Ribeiro de Oliveira	
Sofia Inês Niveiros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96620150416</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>226</b>
MODELO DE CAPACITAÇÃO BASEADO EM EVIDÊNCIAS DE CUIDADOS COM IDOSOS FRAGILIZADOS OU EM RISCO DE FRAGILIDADE	
Bruno Leonardo Soares Nery	
Adriana Haack de Arruda Dutra	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96620150417</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>238</b>
MEMÓRIA, ACESSIBILIDADE E PERTENCIMENTO: UMA ANÁLISE DO 'BECO DO TELÉGRAFO' EM CAMPINA GRANDE - PB	
Aida Paula Pontes de Aquino	
Francisco Allyson Barbosa Silva	
Natália Yanna Figueiredo da Cruz	
Gabriel Higor Silva de Lima	
Francisco Eros Costa da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.96620150418</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>255</b>
ESTUDO EM CFD PARA A MAQUETE DO CAMPUS: EXPERIÊNCIA EM UM INSTITUTO FEDERAL	
Gilda Lucia Bakker Batista de Menezes	
Jennifer Jayanne Araujo de Lima Aragão	

João Augusto Jacinto Barros  
João Augusto dos Santos Ferreira  
Gabriella Silva do Nascimento

**DOI 10.22533/at.ed.96620150419**

**CAPÍTULO 20 ..... 266**

*CITY BRANDING: UMA MARCA PARA A CIDADE DE PIRACICABA-SP QUE A  
REPRESENTE ATRAVÉS DA VISÃO DO SEU POVO, DA SUA CULTURA E DA SUA  
HISTÓRIA*

Kleiton Web Rodrigues Viana

**DOI 10.22533/at.ed.96620150420**

**CAPÍTULO 21 ..... 284**

*AÇÃO ANTI-INFLAMATÓRIA E ANTIOXIDANTE DO ÔMEGA-3 EM MODELO  
EXPERIMENTAL DE INSUFICIÊNCIA HEPÁTICA AGUDA GRAVE EM RATOS  
WISTAR*

Patricia do Amaral Vasconcellos

Michely Lopes Nunes

Marilene Porawski

Vanessa Trindade Bortoluzzi

**DOI 10.22533/at.ed.96620150421**

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 307**

**ÍNDICE REMISSIVO ..... 308**

## PERCURSOS RIZOMÁTICOS: O PATRIMÔNIO DAS FAVELAS CARIOCAS

*Data de aceite: 01/04/2020*

**Teresa Hersen**

Teresahersen@gmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo investigar o tecido de caráter rizomático das favelas cariocas localizadas em encostas e que surgem no contexto de adensamento e expansão da cidade. O objeto para análise da pesquisa é a própria morfologia urbana desses territórios de exclusão, parte-se então da hipótese que o verdadeiro patrimônio das favelas é o seu traçado, este que permeia toda dinâmica e espontaneidade deste espaço urbano e que se mantém vivo ao longo de todo seu histórico de ocupação. Investiga-se a importância da organicidade do tecido favelado para a compreensão deste espaço através da observação dos projetos implementados ou propostos. Estes que tradicionalmente desconsideram a realidade territorial das favelas, levando para os projetos urbanos a visão unicista e homogeneizadora da cidade tradicional. O tema proposto trata de questões da morfologia urbana de áreas de favela, a compreensão real destes espaços se faz fundamental para que o planejamento urbano seja mais eficaz, da mesma forma o é para que se possa trabalhar em projeto urbanos que

contemplem esses territórios e respeitem sua essência, sem mais a tentativa de sobrepor uma lógica de cidade que não funciona para lá.

**PALAVRAS-CHAVE:** Morfologia urbana, favela, patrimônio, conexão, ruptura.

**ABSTRACT:** This research sheds light on the rhizomatic urban design of carioca's slums localized on hillsides in the context of the city's density and expansion. The object for analysis is the urban design of these territories of exclusion, so I Believe that the true heritage of the favelas is its layout, which permeates all the dynamics and spontaneity of this urban space and remains alive throughout of all its occupation history. The importance of the organic urban fabric of the favela for the understanding of this space is investigated through the observation of the implemented or proposed projects. These traditioally disregard the territorial reality of the favelas, bringing to the urban projetcs the ordinary truth of the tradicional city. The proposed theme deals with issues of urban morphology of slum areas, the real understanding of these spaces is essential for the effectiveness of urban planning, as well as the development of urban projects the ordinary truth of the traditional city. The proposed theme deals with issues of urban morphology of slum areas, the real under morphology of these spaces is essential for the effectiveness of urban planning, as well as

the development of urban projects that contemplate these territories and respect its essence, without further trying to override a city logic that doesn't work there.

## 1 | A INFORMALIDADE LABIRÍNTICA

Compreender a favela não é uma missão simples, apesar do objeto já ter sido vastamente investigado, acredita-se que o entendimento de seu traçado, ou seja, a morfologia da favela, é fundamental para a compreensão destas ocupações, rotineiramente urbanas, mas também é um objeto que recebe poucos olhares às vantagens que este tecido urbano apresenta, a compreensão real destes espaços se faz urgente para que o planejamento urbano seja mais eficaz.

Para os moradores de áreas informais o que não é próprio ou reconhecido é o urbanismo que já está imposto como padrão para o resto da cidade - a parte dita *'formal'*. Este não reconhecimento gera impasses e grandes dificuldades de conversa para implementação de um projeto de melhorias urbanas nas áreas informais, já que quase sempre estão pautados nos padrões aceitos como verdade por aqueles que estão no corpo técnico e teórico da formulação do projeto. Sem o questionamento de que a diversidade e a não padronagem podem (e devem) conviver de maneira harmônica dentro da mesma cidade, e até mesmo dentro do mesmo bairro, tipologias muito parecidas continuam a serem replicadas pelos diferentes territórios urbanos.

O urbanismo da favela surge como resultado de algumas necessidades básicas, sendo as principais: a busca pelo morar, o que gerou a necessidade de vencer encostas para se assentar; e a proximidade com o trabalho e com as infraestruturas da cidade (escola, serviços, transportes e outros). E a rapidez do surgimento da informalidade gera também a construção de novas relações de vizinhança; convivência com culturas diversas; busca por água e outras tantas dificuldades que são enfrentadas pela população que se encontra na periferia da sociedade. Assim, quem pode *consume* a cidade formal, e à quem não pode restam outras maneiras de resistir e ocupar a cidade.

No Rio de Janeiro, desde a Reforma Pereira Passos – 1902-1906 - , muitos foram os pobres removidos, principalmente das áreas centrais. Em um primeiro momento justificava-se tamanha intervenção pela necessidade de higiene, sendo o foco principal os cortiços que se espalhavam pela cidade no início do século passado (Zaluar e Alvito, 1998), as remoções permitiriam que a cidade pudesse ganhar uma *nova roupagem*, mostrando ao mundo, e aos seus investidores que sua paisagem também remeteria àquelas que as grandes cidades a nível mundial (Jaramillo, 1979).

As questões sociais que geram as ocupações irregulares não foram resolvidas pelo poder público, o que ocasionou novas ocupações tanto em cortiços como em lotes e encostas das montanhas, que se agravavam a medida que a cidade crescia e

a demanda por novos trabalhadores também aumentava. Os problemas urbanos iam ganhando nova visibilidade e ocupando novos territórios ou adensando os antigos.

No Plano Urbano de Alfred Agache, no final da década de 20, as favelas já são vistas como um problema urbano e que deveriam ser extintas, aparecendo em falas e publicações de maneira pejorativa, se conformando, com o passar do tempo, com uma imagem estigmatizada desse tipo de habitar: *“A sua lepra suja a vizinhança das praias e os bairros mais graciosamente dotados pela natureza, despe os morros do seu enfeite verdejante e corroe até as margens da matta na encosta das serras”* (Agache, apud Valladares. 2005)

A partir dessa percepção construída ao longo da história da cidade, quando se fala de favelas há todo um imaginário que o define como um território *insalubre*, e para se utilizar de termos atuais, diríamos *insustentável* em diversos aspectos: insustentável socialmente, economicamente, ecologicamente, militarmente e morfologicamente.

Apesar de todas as tentativas de desmantelamento e enfraquecimento, a população de assentamentos informais construíram uma longa trajetória de resistência e luta pelo direito à cidade. Soma-se a isto ao fato da incapacidade do Estado de remover favelas e prover novas habitações para a população removida, a solução, então, foi levar infraestrutura urbana para territórios antes invisíveis aos olhos do poder público.

Se a política de remoções desconsiderava toda uma vida que estava embricada com o território destruído, a nova política de intervenções com projetos urbanos nessas áreas de exclusão da cidade não levaram em consideração as especificidades locais, sobrepondo, a um tecido urbano rizomático, as verdades confortavelmente aceitas pela parte da sociedade que detinha o saber técnico, mas não possuía o saber das vivências em outras formas de morar em cidade, diferentes daquelas que trouxemos em nossos planos vindos de projetos com referências exteriores.

## 2 | OS PERCURSOS DAS FAVELAS

### 2.1 Os Rizomas

A ocupação das encostas do Rio de Janeiro é intrínseca à história desta cidade, seja no âmbito social, econômico ou territorial. Muitas foram as propostas de urbanização e melhorias para as favelas cariocas, como também é um tema muito debatido por especialistas no meio acadêmico.

Por mais que a marca das edificações das favelas seja a transitoriedade, no sentido de que estes espaços possuem uma dinâmica espacial própria, com rápida transformação do espaço construído, dificilmente os projetos urbanos refletem a transitoriedade. Essas alterações constantes no espaço da favela, representa

também a realidade social que parte da nossa população urbana se encontra, com pouca ou nenhuma estabilidade, esta parte da população precisa resolver questões com urgência e muitas vezes por sobrevivência, sem tempo para esperas ou delongas para solucionar as questões que aparecem.

Assim, podemos comparar esta maneira de viver em cidade, com os rizomas que Deleuze e Guatarri conceituam. Para os autores o modelo de rizoma é o oposto do modelo arborescente, ele não cresce como uma raiz de árvore, e apresenta alguns princípios: conexão e heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante, cartografia e decalcomania.

Os principais projetos urbanos não consideraram a transitoriedade rizomática de diversas áreas da cidade ao formular seus planos e mesmo suas teorias urbanas. Apesar das edificações serem dinâmicas e permanecerem em constante transformação, respondendo às necessidades cotidianas das famílias que ali vivem, acredita-se que é justamente a morfologia deste tecido que se mantém, e permanece desde os primórdios na realidade de constantes alterações, e também o que afirma uma outra maneira de se viver dentro da cidade.

A favela está inserida na cidade, no mato e na floresta, não apresenta limites físicos claramente definidos, daqueles que criam barreiras fisicamente perceptíveis e nitidamente delimitadas. Assim, ela expande seus caminhos pela floresta e pela cidade ao mesmo tempo que é percebida como um *limite* (Lynch, 1960), pelos moradores ou por aqueles que só se utilizam do bairro formal.

A malha urbana formal irá se consolidar a partir da evolução de antigos caminhos e delimitações, que em algumas partes do tecido urbano são descaracterizados pela imposição de *modelos urbanos disciplinadores* (dos SANTOS, 1988). No caso da favela, a maneira de morar, e conseqüentemente de viver na cidade e em sociedade, não é socialmente aceito. Esta “*ocupação em acrópole*” é vista com um modelo arcaico, sendo o traçado ortogonal aquele se relaciona com cidades desenvolvidas, que propõem modelos pensados e *organizados* de cidade.

Os projetos de urbanização para favelas levam junto consigo a proposta ortogonal da cidade neoliberal, aquela que vem de propostas autoritárias para atender aos interesses do mercado, e que transformaram o tecido urbano formal em uma mercadoria, a exemplo da Reforma Pereira Passos, o Plano Urbano de Lúcio Costa para a Barra da Tijuca, e outras tantas cidades que foram planejadas – para uma parcela da população. Esses projetos ao serem implementados sem profundo conhecimento de como funciona o cotidiano desta população põe em risco toda uma rede, muitas vezes, já consolidada com lazer, comércio, trabalho, solidariedade e outros.

No caso do Rio de Janeiro, muitas propostas foram apresentadas para “solucionar a questão favela” em sua relação com a cidade. Podemos perceber

que existiu, e ainda existe, uma grande dificuldade de pensar a favela como parte integrante da cidade, sendo esta vista e tratada isoladamente em muitos dos projetos. Em muitos casos as favelas recebem apenas projetos pontuais, que não questionam o limite favela com cidade, limite este que parece intransponível para os moradores da cidade formal.

A exemplo dos programas podemos citar alguns que se destacaram pela grande quantidade de capital investido, alcançando muitas favelas da cidade do Rio de Janeiro, como também foram os que ficaram popularmente conhecidos, mas não os únicos que aconteceram. O primeiro programa que se destaca é o Favela-Bairro, que na Favela do Salgueiro é iniciado em 1999 e produziu as maiores alterações neste espaço até hoje (Figura 1). Levou esgoto e água para maioria da população, além de instalar e construir o POUZO (posto de orientação urbanística e social). Seu objetivo principal era conseguir integrar favela e cidade, e propunha que isso seria alcançado através da implantação da infraestrutura.

As obras do Favela-Bairro aconteciam ao mesmo tempo em que o domínio do tráfico de drogas aumentava e a favela se fortalecia como barreira, cada vez menos permeável. Nesse sentido as trilhas que se expandiam da favela e se embrenhavam pela floresta eram vistas como problema e deveriam ser isoladas, desconectando a favela da floresta. Assim a favela se tornaria uma “ilha” sendo transformada em barreira por todos seus lados.

Para evitar um desmatamento maior e preservar a Floresta da Tijuca foram feitas diversas propostas para a contenção das favelas, no programa referido acima eram os *muros limítrofes* (Figura 01) que no PAC se chamavam *Ecolimites*: Em janeiro de 2009, o Governo do Estado do Rio de Janeiro colocou na agenda das políticas públicas um projeto de construção de muros em torno das favelas. A proposta do projeto seria impedir o crescimento desordenado de 11 comunidades e assim proteger a “natureza” dos indivíduos, com conscientização da população local evidenciando um uso que seja menos agressivo, somando a atuação de agentes locais e da população interessada em reflorestamentos da vegetação do entorno imediato das favelas.



Figura 01: Muros Limítrofes Planta Baixa projeto Favela – Bairro.

A respeito dos projetos podemos citar também a criação de limites fixos em seus contornos, o que impede sua conexão com a cidade, bem como a percepção de seus moradores sobre o seu próprio espaço. Essas barreiras edificadas, além de limitar sua expansão física, também dificulta a utilização dos espaços de lazer e o ir e vir por caminhos alternativos que se estendem pela floresta, um costume dos moradores de favelas. Como podemos subverter o uso urbano se aceitamos essa condição de vida como real, como uma regra imutável e naturalmente construída?

A proposta de implantar limites fixos nas favelas impede a conexão delas com a cidade, bem como a percepção de seus moradores sobre o seu próprio espaço. Além de limitar sua expansão física, também impede a utilização dos espaços de lazer e o ir e vir por caminhos alternativos da floresta, que não são os tradicionais da própria cidade, estas características vão de encontro ao conceito de Rizoma. Reforça-se a apreensão do contexto natural apenas como expansão e fuga, e não de vivências. A barreira existente entre bairro e favela é o que se pretende “romper” pela sobreposição de um desenho da cidade formal, enquanto a barreira que não existia, ou seja, entre favela e floresta, é criada.

Com a finalização dos programas do Favela – Bairro tem-se a proposta de um novo programa para as favelas cariocas, o Morar Carioca, programa municipal que atingiu poucos territórios, mas já entendia que a realidade territorial das favelas era diversa, e propunha desta maneira, que os participantes do concurso questionassem os diferentes tipos de ocupação. Este não foi implementado na Favela do Salgueiro. Após a urbanização ocorrida em 1994, o segundo programa seria o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), e apesar de não ter saído do papel, este propunha, inicialmente, grandes alterações territoriais.

A este se vinculava o Programa de Pacificação, programa intitulado de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) possibilita que muitos dos conceitos que orientaram intervenções anteriores sejam novamente implantados, combinando remoção

e grande produção habitacional – dentro e fora das favelas –, reassentamento, urbanização, participação de ONGs e grande expectativa de um trabalho social que mantenha os frutos da pacificação e proporcione uma sensação de segurança aos que não moram na favela, assim as UPPs são orientadas, sobretudo, para que se crie um ambiente mais permeável.

Outro programa que se vinculava com a proposta da pacificação foi o Programa Territórios da Paz, que funcionou como articulador no local, tanto para demandas internas, quanto para demandas externas. Um exemplo da participação ativa e consciente do programa foi a alteração do projeto no PAC que não contemplava as demandas levantadas pelos moradores. Além disso, participou do processo de mudança da presidência da Associação dos Moradores, quando foi substituído o antigo presidente, morador de outra favela, pouco participativo em questões locais. O programa “Territórios da Paz” não tem uma proposta projetual, ou seja, não atua com o desenho urbano, mas muitas de suas atuações repercutem diretamente sobre este espaço, pois, ao funcionar como um articulador propõe a intervenção de outros atores no espaço interno da Favela.

No território da favela, percebe-se uma grande demanda por intervenções do poder público a fim de minimizar a grande deficiência de infraestrutura urbana (lixo, esgoto, arruamento) que fazem deste espaço um ambiente carente. Estas intervenções, quando acontecem, privilegiam uma leitura da cidade formal como futuro almejado pela favela, desconsiderando uma lógica de contínua construção, de dinâmica e de transitoriedade. De acordo com esta leitura, aos poucos as obras vão transformando setores orgânicos do espaço em espaços fixos e reticulares (Figura 02).

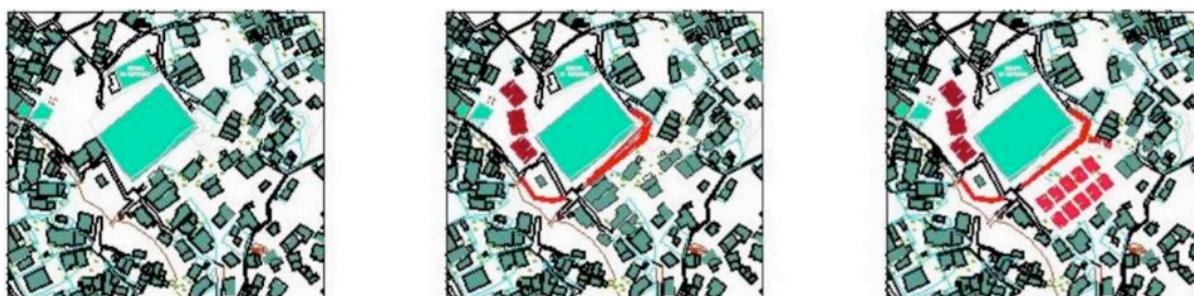


Figura 02: Plantas Baixas comparando intervenções em uma parte da Favela do Salgueiro. Da esquerda para a direita: 1. Entorno das quadras de esportes antes do programa Favela-Bairro; 2. Criação de novas vias e pequenos edifícios habitacionais, intervenções do programa Favela-Bairro; e 3. Habitações construídas pelo programa Cimento Social.

Com a expansão da cidade novos espaços são ocupados, e estes acabam desenhando uma nova malha, de uma nova época, que posteriormente também se consolida, mas a cidade, com seus bairros e seu crescimento não deixa de criar novos rizomas, com novas expansões e conexões. É, então, necessário reconhecer o

traçado como elemento chave a ser preservado e compreendido nas intervenções em favelas, neste é que residem tanto a história dessa ocupação urbana, característica de sociedades de terceiro mundo e capitalistas, como também é onde contrariamos a percepção unicista de cidades, aquelas de traçado ortogonal.

Apesar da favela ser percebida pelos moradores do bairro formal como uma barreira, acreditamos que seu tecido pode ser visto de outras maneiras, e ao aceitar suas especificidades, privilegiamos novas visões: como o da favela como elemento conector de diversos tecidos da cidade, ou ainda como uma nova possibilidade de ocupar a cidade. Nos programas urbanos analisados, observou-se que a favela foi abordada, reiteradamente, de maneira isolada, fazendo com que sua forma de desenvolvimento espontâneo e em constante transformação seja desconsiderado nas formulações dos programas, que estão focados em levar uma lógica de tecido urbano que não dialoga com diversas outras questões da dinâmica destes locais.

### 3 | DELCACOMANIA: FAVELA É MAPA E NÃO DECALQUE

Ao definir território, SOUZA (2013), vai o relaciona com outros conceitos, como o *poder*. O autor defende que este não é sinônimo de força, violência ou opressão, pelo contrário, os últimos são recorridos quando o poder não é mais reconhecido em determinado território. O poder é legítimo, e aceito por um indivíduo ou um grupo de pessoas. E para existir o território é preciso uma delimitação espacial de algum poder.

No caso das favelas entendemos que ao não existir atuação do poder público a organização passa a ser feita por outro poder, e as vezes pelo próprio morador, que por necessidade de morar recorre à autoconstrução. Quando a questão da favela passa a ser vista pelo poder público, a fala do Estado não tem valor sobre determinada população, e a partir daí começam os episódios de violência ou opressão, reforçando o pensamento de Maricato (1982): para a cidade ilegal não há plano nem projetos, pensamos verdadeiramente em uma ordem que esteja de acordo com os princípios modernistas e com a realidade burguesa, desconsiderando todo um histórico de construções locais.

Desta maneira é preciso dar liberdade e mecanismos para que os tecidos orgânicos, aqueles tortuosos e pertencentes às favelas de encostas, cresçam espontaneamente, e assim se conectem ao traçado formal da cidade. E para que estes não percam a vitalidade, a favela deve ser primeiramente reconhecida e respeitada por seus rizomas, seu verdadeiro patrimônio.

A barreira social existente é o que se pretende “romper” com projetos urbanos que sobrepõem o desenho da cidade formal à cidade informal, enquanto isso, diversas outras barreiras que não existiam são criadas, sem que haja rompimento

com a anterior.

O tratamento recente da favela carioca enquanto patrimônio não corresponde a realidade, pelo contrário: investe-se em melhorias baseadas em cenários criados e estáticos, como no caso da Providência e seu museu a céu aberto, cria-se uma imagem de favela que não é possível ser vivenciada e experimentada enquanto favela.

Negando percursos que não são os tradicionais da própria cidade, estas características vão de encontro ao conceito de Rizoma, esta negação reforça a apreensão do contexto natural apenas como expansão e fuga, e não de vivências, como também contribui para a percepção de espaço excluído por parte dos cidadãos, que não reconhecem este tipo peculiar de traçado.

Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1985) já dizia, ao analisar o bairro do Catumbi, que só poderia haver uma teoria de urbanismo caso esta aceite sua flexibilidade, pois enquanto a pensamos ela está em constante transformação, estando os modelos urbanos apregoados, fadados ao fracasso. Um processo de favelização é um ato político, não só de resistência, como também de vontade de uma parcela (enorme) da população e do surgimento de um mercado urbano (muitas vezes ilícito) fortalecido por atividades religiosas, educacionais e paramilitares.

O que hoje estamos buscando reaver nas cidades, segue vivo em algumas favelas: a vitalidade, a ocupação do espaço urbano, o encontro inesperado e até mesmo os conflitos, que as propostas modernistas insistem em desfazer, setorizando a cidade, tratando o conflito negativamente. As cidades permitem que os indivíduos frequentem diversos círculos sociais, podendo se assumir diversos papéis, e até mesmo não ser percebido dentro da complexidade social que as grandes cidades emergem. O conflito aparece quando identidades sociais não aceitam, ou simplesmente não desejam conviver com o diferente, e desta maneira o planejamento urbano atual busca a extinção dessas áreas conflituosas. Na visão de Simmel (1983), o conflito é *uma forma de sociação*, e por mais que ele se destaque por causas negativas, existem outras consequências positivas, que sem o conflito não conseguiremos alcançar.

O fato de almejar a paz é só uma das expressões – e especialmente óbvia – de sua natureza: a síntese de elementos que trabalham juntos, tanto um contra o outro, quanto um para o outro. Essa natureza aparece de modo mais claro quando se compreende que ambas as formas de relação – a antitética e a convergente – são fundamentalmente diferentes da mera indiferença entre dois ou mais indivíduos ou grupos. Caso implique na rejeição ou no fim da sociação, a indiferença é puramente negativa; em contraste com esta negatividade pura, o conflito contém algo de positivo. Todavia, seus aspectos positivos e negativos estão integrados; podem ser separados conceitualmente, mas não empiricamente. (SIMMEL, 1983)

A Favela pode ser vista para além de todos os problemas aos quais ela se

relaciona, alguns deles necessitam ser solucionados urgentemente, outros precisam ser desconstruídos no imaginário popular, mas qualquer outra questão não exclui o fato de ser um espaço rico de interações e cultura, que se vinculam com sua morfologia e que só podem acontecer dentro da sua lógica libertária de ocupação dinâmica. A rica cultura da favela se espacializa nas ruas e no encontro, “mais que a essência da vida urbana, a festa é também meio pelo qual se conquista, em sua plenitude, o direito à cidade” SOUZA (2010), a favela não teria, então, mais a ensinar e expandir, do que a receber, na lógica urbana?

#### 4 | A RUPTURA É ASSIGNIFICANTE

O presente trabalho tem por objetivo geral investigar o tecido urbano de caráter rizomático das favelas cariocas localizadas em encostas e que surgem no contexto de expansão e adensamento da cidade do Rio de Janeiro. Não se pretende desenvolver uma nova teoria urbana, passível de ser aplicada a toda e qualquer ocupação de caráter informal – aquelas relacionadas com a autoconstrução - mas justamente o contrário. O objeto para a análise da pesquisa é a própria morfologia urbana destes territórios de exclusão.

Este estudo se desenvolve como continuação de pesquisa já desenvolvida em dissertação de mestrado, pretende-se não apenas acrescentar um novo olhar sobre um tipo de morfologia urbana de áreas informais, além daquele desenvolvido nesta primeira etapa, onde o enfoque principal era a percepção dos usuários sobre a cidade e sua imagem - o que acarretava em negação de parte do território com potencial para melhorias, ou ainda como um reforço de uma exclusão sócio-territorial - mas compreender a formação do espaço urbano brasileiro a partir da produção capitalista.

Sob a luz teórica de Deleuze e Guatarri (1995), Panerai (2006), Ferreira dos Santos (1985), Jacques (2003), Sousa (2013) e Maricato (1982) pretende-se investigar a importância da organicidade do tecido favelado para a compressão deste espaço, para isso faz-se necessário observar não apenas a morfologia, mas relacionar cada tipo de traçado com uma diferente maneira de ocupar o tecido urbano. A percepção da espontaneidade e também da intensa e constante transformação das favelas será importante para captarmos as características rizomáticas não apenas de traçado, mas também no modo de viver.

A investigação da morfologia urbana, desenvolvida para dissertação de mestrado, no ano de 2011, foi feita a partir de abordagem metodológica que privilegiou uma leitura de tecido daquele contexto urbano. Iniciou-se a pesquisa pela leitura morfológica da Favela do Salgueiro, no bairro da Tijuca, Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Nesta primeira área estudada foram feitas algumas conclusões de acordo

com a visão de Lynch (1960) e Panerai (2006) sobre a percepção urbana da cidade. A pesquisa se iniciou com visitas ao território no qual se delimita espacialmente a Favela do Salgueiro, somado à entrevistas com moradores não apenas da área de favela, dos moradores e usuários do *bairro formal*, como também relatos de caráter mais informal, acontecendo em caminhadas em trilhas, reuniões com gestores do Município ou do Governo do Estado, como em outros eventos que aconteciam no Bairro estudado.

Durante o desenvolvimento da pesquisa identificou-se a necessidade de análise da morfologia urbana das delimitações do bairro para verificar elementos urbanos importantes que permitissem melhor compreender as conexões, pelos caminhos urbanos, de bairro – favela – floresta. Setores estes que possuíam *marcas* do traçado rizomático que se inicia e é também reconhecido na morfologia da favela, com a perspectiva de entender como os projetos urbanos e as intervenções estavam percebendo, trabalhando e influenciando nessas conexões, tanto antes como depois da pacificação no espaço urbano do Salgueiro.

Desta primeira observação pudemos concluir as diversas possibilidades que o traçado urbano favelado poderia trazer de contribuições para diminuir diversas das segregações existentes hoje em grande parte dos territórios brasileiros. Somado a um adensamento teórico considera-se fundamental a expansão da observação empírica de novos territórios como maneira de validar a hipótese levantada. Pretende-se assim, de maneira comparativa, estudar outras áreas de exclusão, junto com o contexto em que estão inseridas e como são ou não percebidas por seus moradores e usuários.

## 5 | CONCLUINDO: O DESTINO NÃO PRECISA SER ARBORESCENTE

Parte-se da hipótese que o verdadeiro patrimônio das favelas é seu traçado, estes se desenvolvem dentro do conceito de Rizomas defendido por DELEUZE e GUATTARI (1995), tendo entre suas características diversas possibilidades de conexão, heterogeneidade, diversidade, ruptura assignificante, entre outros. Fora isso, mesmo que o rizoma seja rompido em determinado ponto, a lógica rizomática não é desfeita, pois mais a frente – territorialmente ou temporalmente – as conexões serão refeitas, e a linguagem daquele rizoma será retomada.

Pensando os rizomas das favelas – os percursos orgânicos que notamos no seu traçado - percebemos que esta volta a uma realidade é retomado mesmo que o traçado ortogonal tenha sido sobreposto em algum momento àquele território. É o que acontece com a implementação de projetos urbanos *tradicionais*, ou seja, mesmo com as diversas tentativas de doutrinação deste tecido urbano, a lógica espacial se refaz e se ressignifica.

Se em um primeiro momento, após a implementação de projetos urbanos, notamos a *organização* da cidade formal, em um segundo momento as apropriações começam a acontecer, negando o modelo disciplinador, seja por alterações de fachada, por novos pavimentos construídos, ou pela ocupação das vias, fechando os caminhos abertos pelas obras de modificação ou de expansão territorial.

Defende-se, desta maneira, que a organicidade do tecido presente nestes espaços – de exclusão sócio-territorial - se relaciona diretamente com a lógica de viver das favelas. Este modelo permeia toda dinâmica e espontaneidade destes espaços urbanos e se mantêm ao longo de sua existência, estando intrínseco às ocupações que carregam muitas das características da informalidade, para além da informalidade de ocupação do solo.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, O., VAINER, C., MARICATO, E., A cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos. 6ª Edição. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2011.

DAVIS, M., **Planeta Favela**. 1ª edição revista. Boitempo Editorial. São Paulo. 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI F., **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia 2 - Volume 01**. 2ª edição. São Paulo Ed. 34: 2011.

FERREIRA, A., **A Cidade no Século XXI. Segregação e Banalização do Espaço**. Ed. Consequência. Rio de Janeiro, 2011.

HARVEY, D., **Condição Pós-Moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança Cultural**. 21ª edição. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

JACQUES, P.: **Estética da Ginga, A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica** 3º edição – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JARAMILLO, S. **Producción de Vivenda y Capitalismo Dependiente: el caso de Bogotá**. Editora Dintel. Bogotá, 1979.

LYNCH, K.: **A Imagem da Cidade**.

MARICATO, E., **A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial**. 2ª edição. Ed. Alfa-Ômega. São Paulo, 1982.

OLIVEIRA, M., FERNANDES, N. (org.), **150 Anos de Subúrbio Carioca**, Editora da UFF, Rio de Janeiro, 2010.

PALLASMAA, J., **Habitar**. Ed. Gustavo Guinle. São Paulo, 2017. PARK, E., **A Cidade: Sugestões Para Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano**.

PAVIANI, A., **Brasília, ideologia e realidade – Espaço Urbano em Questão**. 2ª edição - Editora UnB, Brasília – DF, 2010.

RIBEIRO, A., VAZ, L., SILVA, M.(orgs), **Leituras da Cidade**, ANPUR. Edifício Letra Capital. Rio de Janeiro, 2012.

ROLNIK, R., **Guerra dos Lugares: A colonização da terra e da moradia na era das finanças** – 1ª Edição - São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, M., **O Espaço do Cidadão**. 7ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SIMMEL, G., **A natureza sociológica do conflito**, in Moraes Filho, Evaristo (org.), Ed. Ática, São Paulo, 1983.

SILVA, M. L. P. da. **Favelas Cariocas: 1930 – 1964**. Contraponto Editora, Rio de Janeiro, 2005.

Dos SANTOS, C.N.F; **Quando a Rua Vira Casa**. 4ª edição. EdUFF. Rio de Janeiro, 2014.

SOUZA, M.F.S., **A Festa e a Cidade, experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano**. Letra Capital Editora. Rio de Janeiro, 2010.

SOUZA, M. L., **Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio-Espacial**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil: 2013.

TOMASSI, L. de e VELASKO, D., **A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária**. Revista Inst. Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 56, p. 15-42, jun. 2013

VALADARES, L. **A Gênese da Favela Carioca. A Produção Anterior às Ciências Sociais**, in Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2000.

VALADARES, L. **A Invenção da Favela: do mito de origem a favela**. Com . 4ª reimpressão. Editora FGV. Rio de Janeiro, 2011.

VAZ, P.; CAVALCANTI, M.; CARVALHO, C.; OLIVEIRA, L.: **Pobreza e Risco: a imagem da favela no noticiário do crime**.

VOGEL, A. (texto), dos SANTOS, C. (org.) **Quando a Rua Vira Casa – A Apropriação de Espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro**. 3ª edição. IBAM - Projeto Editores Associados, São Paulo, 1985.

ZALUAR, A., ALVITO, M., **Um século de favela**. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1998.

. \_\_\_\_\_. **História de Favelas da Grande Tijuca, Contadas por quem fez parte delas** – Projeto Condutores de Memória, IBASE e Agenda Social do Rio. Organizadora: Neiva Vieira da Cunha, out. 2006.

. \_\_\_\_\_. **Relatório da Missão da Relatoria do Direito à Cidade – Plataforma Dhesca Rio de Janeiro, 18 a 20 de maio de 2011 – Missão Copa do Mundo**.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acessibilidade 8, 22, 24, 26, 32, 33, 36, 184, 206, 238, 239, 248, 250  
Agropecuária 129, 224  
América Latina 84, 90, 103, 134, 135, 136, 138, 139, 142, 143, 144, 145, 191  
Arquitetura indígena 147, 196  
Arquitetura ribeirinha 147  
Assistência social 1, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 75

### C

Capacidade absorviva 6, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 65  
Cesta básica 6, 12, 13, 15, 16, 17, 21  
CFD 8, 255, 256, 257, 259, 260, 263, 265  
Competitividade 5, 55, 91, 95, 106, 133, 134, 212  
Construção civil 6, 67, 68, 70, 72, 73, 76, 79, 80, 151, 155, 198, 255, 256

### D

Desenvolvimento 6, 7, 1, 4, 7, 10, 11, 13, 25, 40, 41, 44, 45, 46, 51, 55, 56, 58, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 119, 123, 124, 130, 134, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 145, 150, 151, 152, 157, 158, 159, 166, 167, 175, 178, 181, 182, 187, 188, 189, 197, 198, 200, 207, 209, 210, 212, 213, 214, 215, 217, 226, 229, 234, 253, 257, 268, 273, 287, 301  
Desenvolvimento regional 158, 159  
Desenvolvimento sustentável 6, 7, 67, 69, 70, 72, 76, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 157, 158, 181  
Diagnóstico urbano 238, 244  
DIEESE 12, 13, 15, 16, 21  
Diversidade 126, 131, 132, 147, 148, 149, 150, 154, 157, 166, 169, 178, 276

### E

Economia 5, 2, 6, 14, 21, 23, 24, 25, 38, 39, 40, 41, 42, 47, 53, 64, 72, 74, 75, 76, 80, 86, 88, 90, 103, 104, 107, 109, 118, 124, 125, 134, 138, 142, 156, 166, 167, 192, 200, 202, 204, 205, 206, 207, 235, 243  
Empreendedorismo 49, 52, 88, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 120, 122, 123, 124, 180  
Estado 2, 3, 4, 5, 6, 40, 41, 42, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 60, 71, 75, 84, 87, 89, 96, 100, 103, 108, 109, 110, 112, 116, 121, 122, 123, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 147, 148, 149,

152, 157, 159, 160, 161, 166, 167, 170, 172, 175, 178, 186, 188, 194, 198, 229, 230, 233, 234, 236, 238, 239, 240, 242, 266, 267, 274

## **F**

Favela 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180

## **G**

Gestão ambiental 80, 102, 104, 158, 159, 167

## **H**

Habitação social 6, 8, 67, 72, 181, 192

História da arquitetura 194

## **I**

Identidade visual 266, 282

Idosos 8, 6, 182, 201, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237

Impactos socioambientais 126

Indústria 4.0 134, 135, 145, 146

Industrialização 78, 189

Inovação 13, 56, 57, 59, 60, 103, 105, 107, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 133, 134, 138, 139, 141, 198, 202, 214, 256

Inteligência competitiva 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 219, 224, 225

## **L**

Lavanderias 6, 55, 57, 60, 61, 62, 65, 202

## **M**

Matriz FOFA 7, 157, 158, 161, 164

Mobilidade urbana 6, 22, 37, 95, 166

Modelagem 255, 256, 260, 262

Morfologia urbana 168, 177, 178

## **P**

Preços 6, 12, 13, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 41, 44, 45, 47, 52, 60, 199, 206

Proteção social 6, 1, 5, 6, 7, 10

## **R**

Reabilitação 8, 81, 181, 188, 192, 235, 243

Rede 6, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 75, 92, 103, 114, 115, 133, 171, 192, 228, 235

## S

Saberes ambientais 7, 126, 128, 131, 132

Segregação 26, 179, 181, 189, 197

Startups 7, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123

Sustentabilidade 66, 67, 69, 70, 72, 73, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 91, 93, 95, 99, 100, 102, 104, 128, 132, 149, 150, 151, 165, 200

## T

Território 2, 10, 51, 67, 69, 80, 126, 128, 129, 131, 132, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 170, 174, 175, 177, 178, 183, 184, 195, 196, 197, 267

## U

Uso do solo 95, 129

## V

Valor 16, 27, 30, 31, 34, 36, 40, 42, 55, 56, 57, 58, 59, 72, 107, 108, 117, 134, 141, 151, 153, 155, 175, 183, 189, 190, 191, 197, 201, 219, 238, 239, 243, 273, 275, 276

Vulnerabilidade em saúde 226

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**